

OS ELEMENTOS FANTÁSTICOS E AS MARCAS COLONIAIS NO CONTO BOLIVIANO *EL AMERICANO FEO II*, DE ERIKA BRUZONIC

Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman*
Marta Francisco de Oliveira**

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar uma leitura do conto “El americano Feo II”, da escritora boliviana Erika Bruzonic, a partir de textos teóricos que propõem compreender a literatura contemporânea hispano-americana, dentro de sua diversidade, a partir de um olhar que abarca tanto a si como a relação com o ‘outro’, revendo o processo de colonização e seus resultados. A partir de uma invenção discursiva que separou o mundo em Primeiro Mundo e Terceiro Mundo, vários seres e epistemologias foram lançados às margens da interioridade ou na exterioridade dos saberes e sujeitos considerados de ‘valor’. O lado privilegiado do globo, ao afirmar uma condição de superioridade, cria vários tipos de colonialismos. No conto boliviano essa fronteira inventada é apresentada por meio de metáforas. Assim, por meio da leitura do texto por um viés descolonial buscaremos notar essas relações. Críticos como Walter Mignolo (2017), Juan Manuel Garcia Ramos (2013), Aníbal Quijano (1992), dentro outros, corroboram a nossa leitura.

Palavras-chave: América Latina; Literatura hispano-americana; literatura boliviana.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. E-mail: juhgzman@gmail.com.

** Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Brasil, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: martisima@gmail.com.

LOSELEMENTOS FANTÁSTICOS Y LAS MARCAS COLONIALES EN EL CUENTO BOLIVIANO *EL AMERICANO FEO II*, DE ERIKA BRUZONIC

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo realizar una lectura del cuento “El americano Feo II”, de la escritora boliviana Erika Bruzonic a partir de textos teóricos que proponen entender la literatura contemporánea hispanoamericana, dentro de su diversidad a partir de una mirada que abarca tanto así, como la relación con el “outro”, reviendo el proceso de colonización y sus resultados. A partir de un invento que separó el mundo en Primer mundo y Tercer mundo, varios seres y epistemologías fueron lanzados a los márgenes de la interioridad o en la exterioridad de los saberes y los sujetos considerados de “valor” o lado privilegiado de la tierra, al afirmar una condición de superioridad, crea varios tipos de colonialismos. En el cuento boliviano esa frontera inventada es presentada por medios de metáforas. Así, a través de la lectura del texto o por una mirada descolonial buscaremos notar esas relaciones. Críticos como Walter Mignolo (2017), Juan Manuel García Ramos (2013), Anibal Quijano (1992) entre otros que corroboran a nuestra lectura.

Palabras-clave: América Latina; Literatura hispanoamericana; literatura boliviana.

Introdução

Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações:
aprender que existe o Sul;
aprender a ir para o Sul;
aprender a partir do Sul e com o Sul.

(SANTOS *apud* SANTOS; MENESES, 2010, p. 15)

O objetivo deste trabalho é uma leitura do conto boliviano “El americano Feo II” da autora Erika Bruzonic. A autora boliviana nasceu em La Paz em 1962, é linguista, advogada e jornalista, cuja família imigrou para a Bolívia, oriunda da Europa: a família paterna é da Galícia, Espanha, e a família materna da Iugoslávia. Na obra *Fire from*

the Andes: short fiction by women from Bolivia. Ecuador and Peru (1998), lemos que Bruzonic é fascinada pela ideia do ‘indivíduo em toda sua complexidade e em todas as suas contradições’. Uma das razões desse fascínio é que “como indivíduos, nós somos conformados e influenciados pela cultura e pela sociedade na qual nos inserimos, bem como respondemos a tais influências de diferentes formas” (BENNER, LEONARD, 1998, p. 13, 14). Assim, são as distintas reações às experiências internas e externas que a escritora explora em seus textos e, com isso, podemos lê-los em suas múltiplas reverberações ao sermos apresentados quer a personagens locais quer a situações que nos revelam, conforme nossa escolha teórica, as marcas de colonialidade/colonialismo que se impregnam nas relações e nos modos como o sujeito boliviano se constitui ou é constituído literariamente. Nesse sentido, interessa-nos muito mais refletir sobre essas construções a partir de nossa fronteira local, no estado brasileiro de Mato Grosso do Sul, espaço no qual a fronteira com a Bolívia permite que tanto os sujeitos como sua(s) cultura(s) adentrem nosso território geográfico e simbólico/abstrato: o corpo geopolítico, geoistórico e cultural, e a identidade boliviana não nos são alheios, ou estrangeiros, pois se constituem também a partir de nossa fronteira e nossa identidade ‘do lado de cá’ dos limites que nos separam/ligam.

O texto escolhido para nossos comentários neste artigo está inserido no livro de contos *Antología del cuento boliviano* (2016), compilado por Manuel Vargas Severiche. Acerca da antologia, o compilador afirma que

En esta antología podemos encontrar cuentos de la época colonial y del futuro, de la mina y el campo y sus mitos, de las ciudades y sus lenguajes, de la selva y el hombre, de la vida cotidiana y de hechos históricos que conmovieron al país. Fantasía, humor, seriedad y juego. También sabemos que la extrañeza de caminos y de personajes, de mundos lejanos o inexistentes, no son otra cosa que la interioridad de nosotros mismos.

Deseo que después de la lectura de esta antología, la lectora y el lector tengan no solo una experiencia de goce estético, sino también una idea de lo que es este país, más allá de postales y de lugares comunes. Planteo el cuento como forma de goce, conocimiento y experiencia de vida, como una puerta para iniciar esta aventura: conocer una literatura como la boliviana, casi clandestina frente al mundo, y por eso mismo subyugante. (SEREVICHE, 2016, p. 30)

A proposta de experienciar o gozo estético e ter acesso, pelo viés literário, ao que o país é, em sua plurinacionalidade oficial de reconhecimento de povos originários e etnias, implica a ampliação de cosmovisões e modos de constituição dos sujeitos, das linguagens, das culturas, dos modos de pensar e sentir, de epistemologias. A Bolívia está localizada no coração da América Latina – e se nossa condição de terceiro mundo nos coloca em uma posição inferior criada/inventada pelo centro hegemônico, o país está em uma condição de exterioridade ainda maior. Afinal, é o mais pobre da América do Sul, “derrotado várias vezes em guerras com seus vizinhos, fragmentado étnica, social, econômica e geograficamente, dona de pobreza radical na já tão desigual região América Latina e de economia atrasada [...]” (DOMINGUES. 2009, p. 07).

A literatura desse lócus também é quase invisível, sobretudo no Brasil, mas não apenas, pois também surge timidamente, com pouca expressão, entre as produções em língua espanhola das Américas do Sul e Central¹. Por isso, reforçamos o interesse de trazer para a discussão o conto mencionado. Como afirmado pelo organizador, Manuel Severiche, na obra é possível encontrar vários tipos de nar-

¹ Podemos pensar, ademais, também no contexto maior, europeu e norte-americano, pois mesmo a obra *Fire from the Andes...*, citada anteriormente, que contempla a produção de contos e textos curtos de escritoras da região não privilegia apenas a produção boliviana, como se padecesse de insuficiência; de fato, abarca a região andina e a coloca dividindo espaço com a escrita produzida no Equador e no Peru e, novamente, parece mais tímida em relação às outras.

rativas bolivianas, de diferentes épocas, como uma espécie de composição em mosaico, mas também nos é alertado que se espera que a leitura não deverá/deveria ser por puro prazer, e sim considerando o ato de ler um primeiro passo para conhecer a literatura boliviana e conseqüentemente sua história, linguagem e cultura: a literatura é, portanto, via de acesso à episteme, a saberes, a (re)conhecimento, com sua potência estética, política e ética.

No âmbito da América Latina, a literatura hispano-americana mostra-se como uma maneira de corrigir a história dada como oficial e mostrar a versão dos colonizados, segundo Ramos (2013):

la literatura de América Latina ha tenido que enfrentar la responsabilidad de corregir a una historia la mayoría de las veces falsificada, cuando no tergiversada o silenciada. En la clásica distinción aristotélica entre literatura (poesía) e historia, entre lo que pudo o debió suceder, y lo que realmente sucedió, cabe, en el ámbito de la América a la que nos referimos, una tercera posibilidad: la literatura que sustituye y corrige a la historia cuando esta miente o se escabulle de sus tareas canónicas. (RAMOS, 2013, p. 67.)

Em nossa América, muitos textos reavaliam as construções literárias e historiográficas dentro e fora do ambiente acadêmico, colocando sob suspeita uma história escrita – e aceita como única e verdadeira – a partir da óptica de um discurso hegemônico ou demarcado por essa hegemonia; soma-se a isso o fato de fazer uma análise da maneira por meio da qual a história contada pelas civilizações colonizadoras contribuiu para uma vantagem social, política, econômica e epistemológica ao longo dos séculos. A ideia da “*Weltliteratur*” – termo do escritor alemão Goethe – tentou estabelecer uma (des)ordem mundial. Segundo Goethe “hoje, a literatura nacional não significa grande coisa; chegou o momento da literatura mundial, e todos devemos contribuir para apressar o advento dessa época.” (GOETHE *apud* ACHUGAR, 2006, p. 67).

A universalização da literatura iria então dispensar as literaturas nacionais/locais, por meio de uma literatura mundial sob domínio das línguas hegemônicas². Uma literatura que narra uma história diacrônica a partir do ponto de vista dos privilegiados seria, por conseguinte, sempre reforçada, porém, parcial.

A literatura da América Latina “casi siempre luchó contra la historia para enmendarla y para facilitar a los habitantes de esa región del mundo una versión más apacible, también más completa, de lo sucedido” (RAMOS, 2013, p. 68). Desse modo, torna-se imprescindível repensar a noção tanto de literatura mundial, considerando a universalidade do fazer poético e do estético com a linguagem, como a de literaturas – e outras formas, inclusive orais – locais, pois a linguagem artístico-literária (re)desenha nosso mapa e esboça nossas gentes e histórias de um modo único, necessário para que o resultado seja mais completo. Para exemplificar uma obra que desenha nosso lócus latino americano, Ramos (2013) menciona a novela *Cien años de soledad* (1967), de Gabriel García Márquez, questionando-nos o que seria da história latino-americana sem essa narrativa literária que explora nossa história a partir da família Buendía.

É nesse sentido, portanto, que entendemos a exterioridade a partir do que propõe o argentino Walter Mignolo e, assim, esta não está num “fora do capitalismo e da civilização ocidental, mas o fora que se cria no processo de criar o dentro. O dentro da modernidade ocidental foi construído desde o Renascimento, baseado na dupla simultânea e contínua colonização do espaço e do tempo.” (MIGNOLO, 2017, p.

² Em um sentido prático, uma literatura mundial seria disseminada por meio de um esforço de traduções e discussões entre grupos de escritores e poetas, considerando que Goethe admite a ‘universalidade da poesia’. No entanto, mesmo que não nos aprofundemos na questão aqui, vale destacar que é nessa mesma ‘prática’ que os idiomas de tradução/universalização e os critérios de quais obras e escritores traduzir, discutir e difundir determinam uma ‘ordem’ ou lista de seleção que, obviamente, exclui a tantos outros textos, línguas, obras e autoras/es.

28). São aquelas pessoas, lugares, saberes, governos e organizações econômicas que caíram para fora da história dada como oficial e única, o que inclui, ainda hoje, saberes e sensibilidades que nos dariam outra versão para além da interioridade de um sistema criado a partir da ideia de América e da lógica de exploração e dominação que a relação estabelecida com esse ‘outro’, ‘incivilizado’ e ‘bárbaro’, gerou.

Entre o fantástico e marcas coloniais no conto de Erika Bruzonic

O conto “El Americano Feo II” está alocado na Parte V da coletânea, com o título “Los contemporáneos: realismo sucio, fantástico, intimista”. Saber que está inserido nessa parte da obra coloca a nós, os leitores, em estado de alerta principalmente ao começar a ler o conto, pois este se inicia com a cena de um corpo sendo golpeado, ensanguentado:

El mango está salpicado de puntitos que, si fuesen un rostro, parecerían de varicela. ¡Qué extraño era el sonido que hacía al hincarse en un cuerpo! ¡Whoosh! Luego, sacarla había sido imposible. Entre el golpe y el whoosh –o inmediatamente después del whoosh– venía otro sonido; era algo así como spurt, spurt, spurt, seguido por un intento que nunca llegó a graduarse de chorro de sangre. (BRUZONIC, 2016, p. 523.)

A descrição e a continuação dos detalhes do que ocorre voltam no final da narrativa de uma maneira fantástica, nos deixando em um conflito racional, pois a personagem principal, Louis Kular, nos coloca em suspense quando entra em uma luta corporal *a priori* com uma galinha:

El embate de la gallina fue fuerte; sus alas le abofetearon el rostro. Enceguecido, blandió su arma y la clavó en el cuello

de la bestia bataraza, pero solo fue un raspón. Su segundo golpe, después de librarse de las afiladas plumas, fue más certero: se hundió en la pechuga doble de la gallina, con un sonido que le enloqueció; ese whoosh, repetido una y otra vez. Vio que su pico se distendía, el aire escapaba a borbotones por los dos orificios; un hilo colorado resbalaba hacia las plumas cortas del cuello. El animal se estaba muriendo. (BRUZONIC, 2016, p. 530).

Caracterizado, pela seleção feita por Serviche, como um conto contemporâneo que pode tanto se nutrir de um realismo cruel como de elementos fantásticos, vale recordar que algumas das características da narrativa fantástica são “un modo de producir en el lector una inquietud física (miedo y otras variantes), a través de una inquietud intelectual (duda)” (HAHAN *apud* NILSSON, 2012, p. 11). A descrição das ações da personagem principal nos leva a crer que de fato um animal o atacava e ao tentar fugir de suas picadas ele mata a galinha e afirma estar ali o corpo de um animal morto. No desfecho do conto a autora/o narrador revela que Louis Kular havia matado, na verdade, uma mulher: “con tono dubitativo, el policía habló: ‘Este cadáver no es de una gallina, señor. Es de una mujer como de cuarenta años, alta y no muy corpulenta. ¿De qué gallina me está usted hablando?’” (BRUZONIC, 2016, p. 532).

De acordo com a obra *El realismo mágico, lo maravilloso y la novela fantástica* (2012), de Kirsti Nilsson, a explicação desses contos está justamente no final da narrativa e pode ser dividida “a) ‘De tipo racional. Estaremos entonces ante lo sobrenatural *reducido*’, o b) ‘De tipo *sobrenatural*.’ No tiene una explicación natural. Este tipo de explicación constituye un desafío al racionalismo del lector [...]” (NILSSON, 2012, p. 10). O conto aqui apresentado pode ser classificado como de tipo racional, pois pode ser entendido quando uma lógica nos é apresentada ao final da narrativa.

O texto narra a história de um homem nascido na Bolívia chamado Louis Kular Días, filho de mãe colombiana e cujo pai é apresentado como gringo, mas nota-se que é um homem de nacionalidade norte-americana. O narrador do conto justifica o adjetivo “feio” dado a Louis Kular, pois “reniegas de una parte de tu origen y dices de ti mismo “I consider myself American”” (BRUZONIC, 2016, p. 524). Ao ir morar no país de seu pai, Louis usa de seus benefícios de norte-americano, faz o mesmo acerca de sua condição de nascido na Bolívia quando lhe foi vantajoso ir morar ali:

A ver: naciste en la clínica Santa Isabel de la avenida Arce de La Paz, cuando tu padre era a su vez funcionario internacional en Bolivia. Pudiste haber crecido allí, como pudiste haberte hecho latino. Quiso la suerte que te transformaras en un feísimo “americano”. Como un detalle “pintoresco”, decidiste que querías tomar ese puesto administrativo en La Paz, tu ciudad natal. Realmente, habría sido una oportunidad para que te redescubrieras. Pero, no. (BRUZONIC, 2016, p. 525).

Na passagem acima, o narrador faz uma crítica ao verdadeiro motivo que levou a personagem a ir morar em seu país de nascimento. O conto coloca em questão a problemática do mestiço boliviano, ou mesmo latino-americano, que nega seu lado indígena para assegurar seu sangue branco e usufruir dos benefícios que essa herança lhe garante frente àquela, colocando-se também como superior aos outros. Segundo o crítico boliviano Juan José Bautista, “la noción de mestizo y criollo tan usados y desgastados tanto en la ciencia social como en la vida cotidiana, aluden a un grupo social que es producto de la unión entre el blanco de origen europeo y el indígena de origen amerindiano”. (BAUTISTA, 2005, p. 26-27).

Outro fato importante para entender a narrativa é que o senhor Louis Kular é casado com uma gringa “exactamente lo opuesto a lo que tú eras, es decir, no alguien híbrido, sino alguien que vivará el

Mayflower y el banco de Boston.” (BRUZONIC, 2016, p. 525). Essa informação e alguns outros discursos trazidos no texto deixam em suspense, por um tempo, a possibilidade da mulher encontrada morta ser a própria esposa de Kular, mas a hipótese é descartada, pois depois descobrimos que a mulher assassinada também pertencia ao Terceiro Mundo.

No conto, Louis Kular, ao voltar para sua terra natal, não quer (re)descobrir-se latino; ao contrário, toma o posto administrativo em La Paz e age como um gringo que vai para a América Latina com o intuito de viver dessa condição superior. Em vários momentos a autora do conto faz essa crítica à condição de inferioridade dada aos sujeitos do lado Sul do globo. No trecho a seguir podemos fazer essa aproximação:

Kular, siempre actúas como si ser gringo te diera todos los derechos terrenales y celestiales, mientras que los demás, tercermundistas de cuarta o quinta, deben plegarse a todo mandato emanado de muchos más como tú: tarados hasta la médula, pero “americanos”, votantes y contribuyentes cuyos impuestos se destinan a hincarles la puta noción de cuán pobres son los developing countries a los que se dignan donar una parte de esa plata, en tanto la otra mitad vuelve sin pena a las arcas y los bolsillos de los hijos, nietos bisnietos del Tío Sam vía los sueldos que tú y tus similares ganan sin siquiera quebrarse las uñas. Trabajar en América Latina no es lo mismo que bregar sin tregua en casa, ¿verdad? (BRUZONIC, 2016, p. 527).

Tal construção discursiva lança luz a uma situação que (re) estabelece a fronteira simbólica evocada entre o Primeiro Mundo, no qual o norte da América se encaixa, e os ditos ‘países em desenvolvimento’, termo que mascara o pejorativo Terceiro Mundo e seus habitantes de ‘quarta ou quinta’, marcando a diferença acentuada entre ambos. Glória Anzaldúa, em seu livro *Borderlands / la frontera*:

la nueva mestiza (2007), afirma que a fronteira é uma linha fina capaz de dividir uma borda íngreme, sendo o lado de lá o privilegiado da civilização, e o lado de cá os sujeitos da exterioridade, ou seja, os ‘outros’. Neste respeito, podemos ler a consideração de Anzaldúa a seguir e estabelecer o paralelo com a escrita da autora boliviana em seu conto:

As fronteiras são desenhadas para definir os lugares que são seguros e os que não são, para distinguir o *us* (nós) do *them* (eles). Uma fronteira é uma linha divisória, uma linha fina ao longo de uma borda íngreme. Um território fronteiro é um lugar vago e indefinido [...] (ANZALDÚA, 2007, p. 43).

Ellos. Nunca ha podido pensar en la gente del proyecto como en sus similares; siempre son “ellos”. Es que no son sus similares: viven diferente, comen diferente, trabajan diferente. Para “ellos”, el proyecto significa un sueldo a fin de mes; como salga el trabajo es lo de menos. (BRUZONIC, 2016, p. 526).

Ellos (ou *them*) em ambas citações faz menção ao modo como os sujeitos que habitam uma interioridade geográfica e epistêmica hegemônica deixam para fora, ou seja, para a exterioridade, os sujeitos denominados e entendidos como não sendo seus similares. É criada uma fronteira epistêmica, ademais da simbólica, que separa os dois lados; entretanto, o lado Sul é aquele que sustenta o lado Norte. O “proyecto” é a própria metáfora do Terceiro Mundo, uma invenção discursiva com o objetivo de dominar as novas terras “descobertas”:

“América” nunca fue un continente que hubiese que descubrir sino una invención forjada durante el proceso de la historia colonial europea y la consolidación y expansión de las ideas e instituciones occidentales. Los relatos que hablan de “descubrimiento” no pertenecían a los habitantes de Anabuac ni de Tawantinsuyu sino a los europeos.

Debieron transcurrir 450 años hasta que se produjera una transformación en la geografía del conocimiento, y así lo que Europa veía como un “descubrimiento” empezó a considerarse una “invención”. (MIGNOLO, 2007, p. 28).

No conto, há um distanciamento nítido, uma fronteira, criada para separar os setores da empresa, na qual ‘os de lá’ não eram semelhantes a *ellos*, e o “projeto” servia apenas como força de trabalho. Em outro momento, o narrador relata a cena em que Kular deixou os funcionários presos em uma sala até quase desmaiarem de fome, após 300 bolivianos terem sumido de sua sala afirmando que “no diste mayor razón que la frase: “Estamos en Bolivia, ¿qué más se puede esperar?”. (BRUZONIC, 2016, p. 527.) Se de um lado o chefe executivo inventava uma barra de distanciamentos entre ele e seus subordinados, o americano mestiço tinha que conviver com *ella*. A personagem, nominada apenas como “ella” durante quase toda a narrativa, o colocava na posição de inferioridade:

Ella no siente la menor simpatía por ti. Ella no te respeta. Para ella eres un estorbo que ha de permitir en su camino porque así son las reglas del juego: los incompetentes de tu país vienen a dictar lo que es bueno para los pobres del suyo... y hay que aguantarlos hasta el momento en que se los pueda mandar a la mierda, cosa que no ha sucedido en medio siglo [...] (BRUZONIC, 2016, p. 528).

Ella é uma metáfora daqueles que foram silenciados durante séculos e tem a coragem de falar aquilo que muitos outros gostariam de expor. *Ella* expõe a vantagem que *ellos* tem em seu país, mesmo com a incompetência e desonestidade do estrangeiro. Acerca dos Estados Unidos, Aníbal Quijano e Immanuel Wallerstein (1992) dizem que a partir da separação do período colonial “las Américas se han articulado entre sí directamente, desde el siglo XIX, hasta llegar a constituir juntas una parte específica del sistema-mundo, en una estructura de poder cuya hegemonía es detentada por Estados Uni-

dos [...]” (p. 586). Uma hegemonia capaz de inventar formas para sustentar a colonialidade.

Ao final do conto, por não conseguir mais conviver com *ella*, em um estado de loucura, Kular assassina de forma brutal a mulher afirmando que aquela era uma galinha que o estava perseguindo. A seguir temos a descrição do final do conto:

Louis Lucky Kular elevó la mirada y, desde el rincón de la cocina donde se hallaba, alcanzó a ver la panza del oficial que se le ha ido acercando poco a poco. Lentamente los ojos se le fueron llenando de lágrimas y suspiró, al fin consciente. —Se llamaba Ana y me creía un gringo feo [...] (BRUZONIC, 2016, p. 532).

Por mais que Louis Lucky Kular negasse sua condição de sujeito mestiço, essa condição o perseguia todos os dias, Ana o humilhava como podia e não perdia a oportunidade de fazê-lo sentir na pele os preconceitos e humilhações do sujeito alocado no Terceiro Mundo. Da mesma maneira, a colonialidade é esse conjunto de regras para estabelecer uma interação entre os estados: “fue así como el denotado esfuerzo de aquellos situados en la parte más baja del escalafón por ascender en el ranking, sirvió de diversas maneras para consolidar al sistema de ranking mismo”. (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992, p. 584).

Considerações finais

Por meio da leitura de “El Americano Feo II”, da escritora boliviana Erika Bruzonic, foi possível perceber as metáforas elaboradas pela autora para traçar a linha que separa os sujeitos por meio da invenção de um “outro” que está no âmbito discursivo. Por um lado, a autora se utiliza de elementos do fantástico para deixar o leitor em

suspense logo no início da narrativa, criando uma atmosfera que joga com os sentidos e com a racionalidade, mesmo que não se trate de um conto fantástico, exatamente, como se percebe com o desenvolvimento da leitura.

De fato, não se trata de observar tais traços em uma leitura particular, realizada por nós, pois a própria forma de inserção do conto na coletânea feita por Severiche na *Antología del cuento boliviano* já induz os leitores a esperar encontrar um relato que mescle o realismo mais cruel e vívido, como se nota na cena de feminicídio – afinal, *ella, Ana*, é morta por ser mulher, a metáfora de uma inferioridade encarnada tantas vezes na relação herdada pela colonialidade de um machismo patriarcalista – os elementos do fantástico, uma vez que temos a descrição do relato pelos olhos da personagem Louis Kular que a ‘vê’ como um animal inoportuno, descartável, passível de uma violência desmedida, criando um efeito de conflito racional. É através da constituição da narrativa e desenvolvimento do texto que o conflito se resolve e que outras nuances surgem, constitutivas da própria materialidade do texto aliada às intenções críticas da escritura. Nesse viés, a crítica da colonialidade se apresenta, e recorrer ao pensamento decolonial, ou descolonial, é uma forma de adentrar o texto e compreender as relações ali estabelecidas.

Portanto, o conto se apresenta como uma ficção que estabelece um modo de leitura que nos coloca diante da construção metafórica e literária da colonialidade, com sua lógica de exploração e constituição da inferioridade, uma epistemologia de território que designa a má sorte de “ter nascido onde nasceu” (MIGNOLO, 2017, p. 18) para aqueles que se encontram no lado sul do globo, na exterioridade da noção propagada de civilização, de hegemonia, de conhecimento, de episteme, de vida. Esta é a base para o entendimento acerca da invenção do “outro”, a América, esse espaço desconhecido que possibilitou a implantação da lógica exploratória de territórios e corpos.

Segundo Mignolo, a América “não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã” (2017, p. 04). Dessa maneira, o conto corrobora nossa intenção de, a partir de nossa literatura local, dar visibilidade a um lugar desvinculado dos projetos globais. Fala de um locus singular, a Bolívia, e ao mesmo tempo nos convida a olhar e falar de nós, compreendendo-nos dentro desse espaço ampliado, nosso Sul Global, em toda sua diversidade.

Referências

- ACHUGAR, Hugo. Weltliteratur ou cosmopolitismo, globalização, “literatura mundial” e outras metáforas problemáticas. In: ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 65-80.
- BAUTISTA, Juan Jose. *Crítica de la razón boliviana: Elementos para una crítica de la subjetividad del boliviano-latino-americano*. 1. ed. La Paz: Pisteuma, 2005.
- BENNER, Susan E.; LEONARD, Kathy S. *Fire from the Andes: Short fiction by women from Bolivia, Ecuador and Peru*. Albuquerque: Universty of New Mexico Press, 1998.
- DOMINGUES, José M. *et al. A Bolívia no espelho do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- MIGNOLO, Walter D. *La idea de America Latina*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online], v. 32, n. 94, 22 jun. 2017.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz de Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.
- NILSSON, Kirsti. *El realismo mágico, lo real maravilloso y la novela fantástica: una comparación conceptual entre los términos*. Universidad de Umeå. Departamento de lenguas. Tesina, 2012.
- RAMOS, Juan-Manuel Garcia. Literatura en America Latina: la historia no escrita. *Revista de Filología*, v. 31, p. 67-78, jan. 2013.

SEVERICHE, Manuel Vargas. *Antología del cuento boliviano*. La Paz: Biblioteca del Bicentenario de Bolivia, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-58.

QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial. *Revista trimestral publicada por la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura con la colaboración de la Comisión Española de Cooperación con la UNESCO y del Centre UNESCO de Catalunya*, v. XLIV, n. 4, p. 583-593, 1992.